

Barreiras à internacionalização de docentes do ensino superior

Barriers to the internationalization of higher education professors

Anna Clara Silva Rodrigues(1); André Luiz Mendes Athayde(2)

1 Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Montes Claros, MG, Brasil.

E-mail: annaclara23@outlook.com

2 Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Montes Claros, MG, Brasil.

E-mail: andreluizathayde@outlook.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2109-2130>

Revista Brasileira de Ensino Superior, Passo Fundo, vol. 6, n. 3, p. 13-34, julho-setembro, 2022 - ISSN 2447-3944

[Recebido: janeiro 22, 2020; Aceito: janeiro 30, 2021]

DOI: <https://doi.org/10.18256/2447-3944.2022.v6i3.3841>

Sistema de Avaliação: *Double Blind Peer Review*

Como citar este artigo / How to cite item: [clique aqui/click here!](#)

Resumo

O presente artigo teve como objetivo explorar os pontos de vista de docentes do ensino superior quanto às barreiras à internacionalização de suas atividades acadêmicas. Dois grupos de docentes foram formados - muito e pouco internacionalizados - os quais foram entrevistados por meio de um roteiro semiestruturado. Adotou-se a técnica de Análise de Conteúdo para análise dos dados e comparação dos dois grupos, por meio de um diálogo teórico-empírico. Os obstáculos à internacionalização destacados pelos docentes variaram desde dificultadores de nível institucional, como a excessiva burocracia interna da instituição de ensino superior (IES), a falta de subsídio financeiro e a não uniformidade do fomento à internacionalização entre os diversos *campi* e unidades acadêmicas da universidade, até dificultadores de nível individual, tais como a falta de interesse do docente em se internacionalizar, a priorização de outras atividades, a falta de proficiência em língua estrangeira e questões familiares. Outrossim, foram levantadas sugestões para que a internacionalização seja fomentada em organizações de educação superior, de acordo com as perspectivas dos docentes. Mesmo que os resultados deste estudo não possam ser generalizados a todas as instituições de ensino superior no Brasil, almeja-se que a presente pesquisa tenha aprofundado a reflexão acerca da internacionalização de docentes no nível de análise individual.

Palavras-chave: Instituições de Ensino Superior; Docentes; Internacionalização.

Abstract

This article aimed to explore the opinions of higher-education professors regarding the barriers to the internationalization of their academic activities. Two groups of professors were formed - much and little internationalized - who were interviewed using a semi-structured script. The Content Analysis technique was adopted for data analysis and the two groups were compared through a theoretical-empirical dialogue. The obstacles to internationalization highlighted by the professors ranged from institutional-level difficulties, such as the excessive internal bureaucracy of the institution, the lack of financial subsidies, and the non-uniform promotion internationalization among the various campuses and academic units of the university, as well as individual-level difficulties, such as the professors' lack of interest in internationalizing, prioritization of other activities, the lack of proficiency in a foreign language, and family issues. Furthermore, suggestions were raised for internationalization to be promoted in higher education institutions, according to the perspectives of professors. Even though the results of this study cannot be generalized to all higher education institutions in Brazil, it is hoped that the present research has deepened the reflection about the internationalization of professors at the individual level of analysis.

Keywords: Higher Education Institutions; Professors; Internationalization.

1 Introdução

O ensino superior está sofrendo alterações constantes devido às mudanças que a globalização direciona aos diversos setores da economia, inclusive ao setor da educação (STROMQUIST, 2007; ATHAYDE; BARBOSA, 2019; ROMANI-DIAS; CANEIRO; BARBOSA, 2018). Nas últimas duas décadas, houve um aumento exponencial em todas as formas de mobilidade acadêmica internacional, promovendo o intercâmbio universal de conhecimentos, ideias, valores e cultura (KNIGHT, 2020) e trazendo o tema da internacionalização das universidades para a agenda de lideranças acadêmicas, agências de fomento e entidades representativas de Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas (NEVES; BARBOSA, 2020). Segundo Khomyakov, Dwyer e Weller (2020), esse intercâmbio deixou de se restringir apenas às cooperações típicas entre países “norte-sul” e passou a englobar parcerias acadêmicas entre países “sul-sul”, como, por exemplo, intercâmbios acadêmicos e profissionais entre os países pertencentes ao bloco BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).

Uma das conceituações clássicas da internacionalização do ensino superior é aquela proposta por Knight (1994), segundo o qual a internacionalização do ensino superior é um processo de integração das dimensões internacional, intercultural e global nas funções de ensino, pesquisa e extensão. Childress (2009) complementa essa definição, ressaltando a característica integrativa e interdisciplinar da internacionalização. Ela é considerada integrativa por proporcionar conhecimentos que resultam das diversas configurações nacionais e culturais para o ensino, pesquisa e serviço de uma IES; e é considerada interdisciplinar por apresentar relação com variadas disciplinas que auxiliam na compreensão de fenômenos sociais. Eventos como o avanço tecnológico dos instrumentos de informação e comunicação e o aumento da mobilidade internacional são exemplos de fatores que influenciam, diretamente, o processo de internacionalização e justificam a complexidade do termo.

As formas pelas quais uma IES se internacionaliza variam desde a sua participação em convênios internacionais de pesquisa até a promoção de mobilidade internacional de seus estudantes e professores, a inserção de aspectos internacionais no currículo de seus cursos, a organização de eventos internacionais, dentre outras atividades (ROMANI-DIAS et al., 2018; FONSECA et al., 2018). Após os grandes avanços mundiais, as instituições de ensino superior passaram a incorporar a internacionalização em seus planos institucionais. Dentre as inúmeras motivações para a internacionalização, há a vantagem comercial, o aprimoramento e a aquisição de uma língua e o melhoramento de currículo com conteúdo internacional (ALTBACH; KNIGHT, 2007). Porém, além de motivações para a internacionalização e dos benefícios provindos dela, existem também barreiras a esse processo que precisam ser consideradas (DEWEY; DUFF, 2009).

A internacionalização do ensino superior, nos âmbitos de análise global, nacional, setorial, institucional e departamental tem sido explorada, consistentemente, na literatura (CARNEIRO et al., 2015; COATES et al., 2014; DEWEY; DUFF, 2009), porém a análise do papel de docentes e pesquisadores na internacionalização de instituições de ensino superior (nível individual de análise) e a análise das barreiras que os mesmos enfrentam nesse processo ainda têm sido superficiais (SOUZA; FILIPPO; CASADO, 2020; ROMANI-DIAS et al., 2018). Existe, assim, uma escassez de estudos que reflitam profundamente acerca das atividades relacionadas à internacionalização promovidas por docentes e pesquisadores, tais como a publicação de artigos em periódicos internacionais, a participação em congressos no exterior, a apresentação de trabalhos em eventos internacionais, a participação em programas de professor visitante no exterior e a orientação de estudantes internacionais, assim como estudos que reflitam sobre os obstáculos à execução dessas atividades (CARNEIRO et al., 2015). Destarte, o presente estudo teve como foco o nível individual de análise dos obstáculos à internacionalização do ensino superior na visão de docentes de uma instituição federal de ensino superior no Brasil, haja vista que esse nível de análise ainda é pouco explorado na literatura (ROMANI-DIAS et al., 2018). Sendo assim, considerando que cada atividade internacional do docente contribui para a internacionalização da IES, e levando-se em conta a possibilidade de existirem obstáculos a esse processo, o presente estudo norteou-se pelo seguinte problema: *Quais são as barreiras à internacionalização do ensino superior na visão de docentes?* Assume-se que ninguém se encontra em uma melhor posição que os próprios docentes para discutirem sobre as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia para a execução de atividades internacionalizadas, tendo os mesmos sido escolhidos, nesta pesquisa, como boas fontes de informação no nível individual de análise. O objetivo geral do estudo foi explorar as perspectivas individuais de docentes do ensino superior quanto aos obstáculos à internacionalização de suas atividades no contexto em que estão inseridos. Adicionalmente, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos: i) verificar a existência de atividades de internacionalização na experiência profissional dos docentes participantes da pesquisa; ii) analisar o significado da internacionalização segundo o ponto de vista dos docentes; iii) levantar as motivações e dificultadores da internacionalização na visão dos participantes; iv) identificar o ponto de vista dos professores quanto ao papel institucional da universidade na internacionalização; v) levantar sugestões dos docentes acerca de práticas e políticas de internacionalização que poderiam ser adotadas pela universidade na qual estão inseridos; vi) contrapor as percepções de docentes muito e pouco internacionalizados.

As reflexões proporcionadas por esta pesquisa visam, mormente, gerar implicações gerenciais, contribuir para a gestão acadêmica no âmbito da implementação de ações que possam reduzir os empecilhos identificados quanto

à internacionalização de atividades docentes. Ao serem levados a refletir sobre a internacionalização e a ampliar o entendimento sobre as formas em que esse processo se dá, os docentes são indiretamente estimulados a adotar essas iniciativas e a repensar as suas práticas acadêmicas. Ademais, os resultados do presente estudo se constituem *inputs* para que organizações educacionais do ensino superior otimizem a sua gestão acadêmica no sentido de estimularem a internacionalização no nível institucional, com base nos principais obstáculos identificados em nível individual neste estudo, criando, assim, condições mais favoráveis para o fomento da internacionalização no âmbito de ensino, pesquisa e extensão. Pesquisas têm demonstrado a crescente internacionalização das organizações bem como os principais desafios da gestão internacional de recursos humanos (ex.: ATHAYDE et al., 2019). Nessa verve, o presente estudo contribui para aprofundar o entendimento dos principais desafios desse processo, especificamente nas instituições de ensino superior.

Apresentar-se-á, a seguir, a fundamentação teórica da pesquisa, abordando, dentre outros assuntos, os principais obstáculos ao processo de internacionalização do ensino superior apontados pela literatura. Em seguida, apresentar-se-ão os procedimentos metodológicos adotados no estudo e a seção de resultados e discussão, onde serão contrastados os pontos de vista de docentes muito e pouco internacionalizados. Logo após, considerações finais serão feitas, limitações da pesquisa identificadas e estudos futuros sugeridos.

2 Referencial Teórico

2.1 Formas de se internacionalizar no ensino superior

A internacionalização de uma instituição de ensino superior se dá por meio de uma variedade de práticas, tais como a participação em convênios internacionais, a inclusão de aspectos multiculturais no currículo de seus cursos, a criação de campus em outros países, a promoção de editais de programas de intercâmbio para o corpo docente e discente, a recepção de professores visitantes estrangeiros, dentre outras (CHINELATO; ZIVIANI, 2016; RODRIGUES; DUARTE; CARRIERI, 2012).

Romani-Dias, Carneiro e Barbosa (2018) propõem uma classificação das atividades de internacionalização dentro de uma IES, segundo a qual existem atividades com mobilidade física obrigatória (*cross-border*) e atividades com mobilidade física facultativa (*at home*). Isso significa que algumas atividades voltadas à internacionalização exigem deslocamento físico, tais como os programas de intercâmbio de professores em universidades estrangeiras e a participação de docentes em congressos internacionais fora do Brasil. Já algumas atividades, tais como a adaptação de planos de ensino aos padrões internacionais, a publicação de artigos em língua estrangeira e a

recepção de professores visitantes estrangeiros, são exemplos de atividades voltadas à internacionalização que não precisam, necessariamente, de um deslocamento físico para fora do país, conhecidas como internacionalização *at home* (em casa). Os referidos autores propuseram um apanhado das principais atividades de internacionalização das IES encontradas na literatura sobre o tema, organizadas na Tabela 1.

Tabela 1. Classificação das atividades de internacionalização das IES

ATIVIDADES	CLASSIFICAÇÃO	
	Com mobilidade obrigatória (Cross-border)	Com mobilidade facultativa (At home)
P E S Q (1) Participação em redes internacionais de pesquisa, incluindo projetos financiados por organizações de outros países (VAN DAMME, 2001; KNIGHT, 2004; TEICHLER, 2004; ELKIN; DEVJEE; FARNSWORTH, 2005).		X
U I S A (2) Publicações científicas internacionais, como coautores internacionais, ou em revistas e anais de congressos internacionais, ou em língua estrangeira (DEWEY; DUFF, 2009; RODRIGUES et al., 2012; COATES et al., 2014).		X
E N (3) Atuação como professor visitante ou como estudante de cursos como pós-doutorado no exterior; participação, no exterior, em bancas de exames e coorientações (TEICHLER, 2004; DEWEY; DUFF, 2009; COATES et al., 2014; ROSTAN; CERAVOLO; METCALFE, 2014).	X	
S I N (4) Adaptar o currículo dos cursos da IES para padrões internacionais (KNIGHT, 2004; PAIGE, 2005; ALTBACH; KNIGHT, 2007; CHINELATO; ZIVIANI, 2016).		X
O (5) Realização de cursos, no exterior, em parceria com IES estrangeiras, incluindo parcerias para qualificações do ensino acadêmico (TEICHLER, 2004; VAN DAMME, 2001; DEWEY; DUFF, 2009; RODRIGUES et al., 2012).	X	
E (6) Participação e organização de eventos acadêmicos internacionais, no país ou no exterior (KNIGHT, 2004; TEICHLER, 2004; PAIGE, 2005; DEWEY; DUFF, 2009).	X	X
X T E (7) Intercâmbio de estudantes, imigração ou emigração (VAN DAMME, 2001; ELKIN et al., 2005; COATES et al., 2014; ROSTAN et al., 2014).	X	X
N S Ã O (8) Intercâmbio de docentes e outros colaboradores envolvidos em pesquisa e ensino (imigração e emigração). Inclui a contratação de professores e colaboradores estrangeiros envolvidos em ensino e pesquisa (KNIGHT, 2004; RODRIGUES et al., 2012; COATES et al., 2014; CHINELATO; ZIVIANI, 2016).	X	X

	ATIVIDADES	CLASSIFICAÇÃO	
		Com mobilidade obrigatória (Cross-border)	Com mobilidade facultativa (At home)
E X T E	(9) Criação de unidades (campus acadêmico) em outros países (VAN DAMME, 2001; RODRIGUES et al., 2012; CHINELATO; ZIVIANI, 2016).	X	
N S Ã O	(10) Atividades internacionais complementares, no campus, como música, dança, leituras, palestras e outros eventos (KNIGHT, 2004; PAIGE, 2005).		X

Fonte: Adaptado de Romani-Dias et al. (2018).

2.2 Obstáculos à internacionalização de docentes

Em relação ao envolvimento do corpo docente no processo de internacionalização, muitas barreiras são encontradas, sejam institucionais ou individuais. Quanto às barreiras institucionais, tem-se, como exemplo, a alta demanda da instituição para que o docente se dedique ao ensino, com altas cargas didáticas, o que, naturalmente, faz com que a pesquisa, inclusive em nível internacional, não receba a atenção devida. Ademais, constitui-se um obstáculo institucional a falta de interdisciplinaridade interdepartamental, que dificulta o cumprimento de metas em relação aos planos de internacionalização (CHILDRESS, 2009). Miura (2006) acrescenta que pode haver carência de políticas estratégicas, de escritórios de relações internacionais, de orçamento, de monitoramento das atividades e de corpo administrativo para atender às demandas da internacionalização, entre outros obstáculos.

Apesar de existirem barreiras institucionais à internacionalização, existem docentes que, individualmente, superam esses dificultadores e cujas ações são importantes para a promoção desse processo dentro da instituição de ensino superior. Oliveira e Freitas (2016) citam o caso dos docentes que investem na internacionalização por conta própria. Esses docentes são amplamente envolvidos no processo de internacionalização da sua instituição de ensino. O fato de o investimento em sua capacitação ser realizada por ele mesmo não exclui a importante contribuição no processo de internacionalização da instituição de ensino superior. Dentre as razões que os autores citam, encontram-se: o desenvolvimento da didática em relação ao mundo globalizado, aconselhando alunos que pretendem se candidatar a algum programa de mobilidade internacional, bem como os instruindo quanto ao desenvolvimento de um currículo internacional e estimulando a convivência intercultural no contexto universitário.

Quanto às barreiras individuais, Childress (2009) aponta alguns motivos que servem como dificultadores do envolvimento do corpo docente no processo de internacionalização das instituições de ensino superior. Esses obstáculos individuais variam desde a atitude do docente em relação à aprendizagem internacional como, por exemplo, a falta de interesse em internacionalizar seu currículo até deficiências nas habilidades pessoais do próprio corpo docente no que se refere aos aspectos da internacionalização, tais como falta de proficiência em língua estrangeira.

Tendo sido brevemente exploradas as formas em que a internacionalização se dá em uma instituição de ensino superior, bem como exemplos de barreiras a esse processo, os procedimentos metodológicos adotados no presente estudo serão apresentados a seguir.

3 Método

O presente estudo se caracterizou como aplicado, pois teve como principal intuito a utilização do conhecimento gerado na solução de problemas práticos, neste caso, apontando prováveis barreiras à internacionalização dentro de instituições de ensino superior (GIL, 2008; KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010). A pesquisa apresentou abordagem qualitativa, pois os dados foram analisados de forma interpretativa, identificando as impressões dos docentes quanto aos dificultadores e recompensas esperados quando da internacionalização de suas atividades acadêmicas, sem uso de métodos e técnicas estatísticas (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010). A pesquisa também se caracterizou como descritiva e exploratória, descrevendo e explorando os pontos de vista de docentes muito e pouco internacionalizados.

No tocante aos procedimentos técnicos, além de a presente pesquisa se caracterizar como bibliográfica, trata-se de um estudo de caso, estudo profundo e exaustivo de uma experiência ou fenômeno (GIL, 2008; KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010).

Os docentes da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, no campus situado na cidade de Montes Claros, norte de Minas Gerais, nomeado Instituto de Ciências Agrárias – ICA, foram escolhidos como população de interesse da presente pesquisa por questões de acessibilidade. Adotou-se a amostragem não probabilística por julgamento, tendo sido escolhidos docentes que representassem o “bom julgamento” da população (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010), tanto de docentes muito quanto pouco internacionalizados. Inicialmente, listaram-se os docentes que atuam no ICA/UFMG e que não estivessem em período de afastamento de suas atividades. Logo após, analisou-se o currículo, na Plataforma Lattes, de cada um dos 95 docentes do instituto, registrando-se as atividades voltadas à internacionalização em sua formação acadêmica ou profissional, e tomando-se, como referência, as atividades de internacionalização descritas na Tabela 1. A seguir,

elaborou-se um *ranking* de docentes, em ordem decrescente, com a quantidade de iniciativas de internacionalização de cada um. Não se pretendeu, neste estudo, diferenciar a importância de cada uma das atividades ligadas à internacionalização, tratando-as, portanto, como de igual valor e tomando como base o levantamento de atividades de internacionalização propostas por Romani-Dias et al. (2018). Dois grupos foram formados, cada um composto por cinco docentes, sendo o primeiro grupo composto por docentes muito internacionalizados (MIs) – os cinco primeiros do *ranking* – e o segundo grupo composto por docentes pouco internacionalizados (PIs) – os cinco últimos do *ranking*. A Tabela 2 sumariza as atividades registradas para cada um dos docentes entrevistados.

Tabela 2. Atividades relacionadas à internacionalização dos entrevistados

Docentes Muito Internacionalizados (MI's)	
MI-1	Doutorado com período sanduíche na Alemanha; 1 (uma) formação complementar em assunto relacionado à internacionalização; membro editorial de 1 (um) periódico internacional; revisor de 8 (oito) periódicos internacionais; 1 (um) prêmio internacional; 79 artigos completos publicados em línguas ou revistas estrangeiras; 1 (um) livro publicado em língua estrangeira; 1 (um) trabalho completo publicado em língua estrangeira; 33 resumos publicados em anais de congressos internacionais; 4 (quatro) artigos internacionais aceitos para publicação; 17 trabalhos internacionais apresentados; participação em 18 eventos internacionais; organização de 6 (seis) eventos internacionais.
MI-2	Doutorado com período sanduíche na Itália; 5 (cinco) formações complementares em assuntos relacionados à internacionalização; 2 (duas) premiações em trabalhos ligados à internacionalização; revisor de 2 (dois) periódicos internacionais; publicação de 15 artigos completos em língua ou revista estrangeira; publicação de 1 (um) trabalho em língua estrangeira em anais de congressos; 59 resumos expandidos publicados em anais de congressos em língua estrangeira; 4 (quatro) trabalhos apresentados em língua estrangeira; participação em 8 (oito) eventos internacionais; organização de 1 (um) evento internacional.
MI-3	Pós-Doutorado nos Estados Unidos. 7 (sete) formações complementares em assuntos relacionados à internacionalização; 37 artigos completos publicados em línguas ou revistas estrangeiras; 1 (um) texto publicado em jornal ou revista internacional; 31 resumos expandidos publicados em anais de congressos internacionais; 6 (seis) apresentações internacionais de trabalho; 1 (uma) produção técnica internacional; 2 (duas) bancas internacionais; participação em 6 (seis) eventos internacionais; organização de 1 (um) evento internacional.
MI-4	Atuou 1 (uma) vez como assessor de relações internacionais; 47 artigos completos publicados em línguas ou revistas estrangeiras; 2 (dois) trabalhos completos publicados em anais de congressos internacionais; 6 (seis) resumos expandidos publicados em anais de congressos internacionais; 1 (uma) produção bibliográfica internacional; participação em 1 (um) evento internacional.

MI-5 1 (uma) visita técnica internacional na Finlândia; 3 (três) formações complementares em assuntos relacionados à internacionalização; membro do corpo editorial de 1 (um) periódico internacional; revisor de 1 (um) periódico internacional; 26 artigos completos publicados em língua ou revista estrangeira; 6 (seis) capítulos de livros publicados em língua estrangeira; 16 resumos publicados em anais de congressos em língua estrangeira; 7 (sete) trabalhos apresentados em língua estrangeira; participação em 13 eventos internacionais.

Docentes Pouco Internacionalizados (PI's)

PI-1	Nenhuma atividade identificada relacionada à Internacionalização.
PI-2	1 (um) trabalho completo publicado em anais de congresso internacional.
PI-3	1 (um) trabalho completo publicado em língua estrangeira; 2 (dois) resumos expandidos publicados em anais de congressos internacionais; participação em 2 (dois) eventos internacionais.
PI-4	1 (uma) formação complementar em assuntos relacionados à internacionalização; revisor de 4 (quatro) periódicos internacionais; 5 (cinco) artigos completos publicados em língua ou revista estrangeira; 2 (dois) resumos expandidos publicados em língua estrangeira.
PI-5	Pós-Doutorado na Alemanha; 1 (uma) formação complementar em assunto relacionado à internacionalização; 7 (sete) artigos completos publicados em línguas ou revistas estrangeiras; 1 (um) trabalho completo publicado em anais de congresso internacional; 1 (uma) apresentação de trabalho em língua estrangeira; participação em 1 (um) evento internacional.

Fonte: Dados da pesquisa.

Como instrumento de coleta de dados, a presente pesquisa utilizou um roteiro de entrevista semiestruturado, tendo as entrevistas sido gravadas e, posteriormente, transcritas. Para análise de dados, adotou-se a técnica de Análise de Conteúdo por meio da qual os dois grupos de docentes foram comparados. A Análise de Conteúdo foi realizada em três fases, tomando, como referência, as orientações de Bardin (2011): i) Pré análise, momento em que se realizou uma leitura flutuante do material coletado (entrevistas transcritas); ii) Exploração, fase em que se agruparam respostas semelhantes; e iii) Tratamento, momento em que os dados foram analisados frente ao referencial teórico (entrecruzamento teórico-empírico). Os resultados serão apresentados e discutidos na próxima seção.

4 Resultados e discussão

4.1 Presença de atividades internacionalizadas na formação acadêmica e profissional dos docentes

Ao serem perguntados se a sua formação acadêmica ou profissional incluía alguma atividade voltada à internacionalização, os docentes muito internacionalizados

(MI's), no geral, demonstraram propriedade, segurança e detalhamento nas respostas. Foram citadas atividades tanto com mobilidade física facultativa (*at home*) quanto com mobilidade física obrigatória (*cross-border*). O entrevistado MI-01, por exemplo, citou, separadamente, experiências internacionais que vivenciou fora e dentro do Brasil e mencionou, diretamente, quais atividades foram realizadas por ele nessas duas modalidades, dentre elas: intercâmbio para realização de doutorado sanduíche, apresentações de trabalhos científicos em congressos internacionais no exterior e organização de eventos internacionais no Brasil.

Dentre as respostas de docentes muito internacionalizados (MI's) a essa questão, chamou a atenção a resposta do entrevistado MI-04, o qual afirmou não apresentar nenhuma experiência internacional em sua formação acadêmica ou profissional. Por meio da análise das atividades internacionalizadas desse docente, registradas em seu currículo na Plataforma Lattes e sumarizadas na Tabela 2, infere-se que o entendimento do mesmo acerca da internacionalização restringe-se a atividades com mobilidade física obrigatória (*cross-border*), isto é, apesar de ser um docente muito internacionalizado, para o mesmo, o fato de ele nunca ter viajado a outro país para exercer funções acadêmicas ou profissionais indica ausência de internacionalização. Para o referido docente, a sua atuação prévia como assessor de relações internacionais e a publicação de artigos e outros trabalhos em língua estrangeira ou em periódicos internacionais não foram vistos como ações voltadas à internacionalização. Com base nesse parecer, infere-se, adicionalmente, que o congresso internacional do qual esse docente participou, registrado em seu currículo, ocorreu, portanto, no Brasil. Esse exemplo demonstra que alguns docentes, embora muito internacionalizados, podem apresentar um entendimento deficiente quanto ao processo de internacionalização, mais especificamente quanto ao escopo de atividades.

Já os docentes classificados como pouco internacionalizados (PI's), ao serem questionados se sua experiência acadêmica ou profissional envolvia alguma atividade de internacionalização, mostraram dificuldade na identificação dessas atividades, restringindo, no geral, a internacionalização à mobilidade física obrigatória. O entrevistado PI-05, por exemplo, lembrou a época em que fazia viagens ao exterior a serviço de uma empresa privada e a época em que realizou intercâmbio para conclusão do seu pós-doutorado. Experiências profissionais são destacadas por Stromquist (2007) como um dos motivadores da internacionalização a nível individual e institucional, pois o envolvimento prévio dos docentes com grandes empresas internacionalizadas impulsiona o contato dos mesmos com atividades internacionais no meio acadêmico. Aparentemente, esse deve ter sido o caso do entrevistado PI-05, cuja experiência profissional prévia voltada à internacionalização em uma empresa multinacional pode ter influenciado a sua decisão de cursar um pós-doutorado no exterior.

Dentre as respostas dos docentes pouco internacionalizados (PI's), chamou a atenção o entrevistado PI-02, o qual relatou uma de suas experiências, auxiliando um

estrangeiro que veio ao Brasil para atuar na empresa em que trabalhava, gerando, nessa ocasião, aprendizado mútuo de língua estrangeira. Esse resultado é interessante, pois demonstra que, embora pouco internacionalizado, um docente pode apresentar um entendimento mais profundo acerca da internacionalização. Nesse caso, o referido docente reconhece que, mesmo permanecendo no Brasil, a sua experiência entra no escopo de atividades voltadas à internacionalização. Portanto, pela análise das respostas dos docentes MI-04 e PI-02, infere-se que o nível de entendimento acerca da internacionalização não necessariamente acompanha o nível de internacionalização em termos de atividades exercidas no âmbito acadêmico e profissional.

4.2 O que a internacionalização significa para os entrevistados

Quando perguntados sobre o significado da internacionalização, tanto docentes muito quanto pouco internacionalizados consideraram a internacionalização como um fator importante, enriquecedor e indispensável para o desenvolvimento de pesquisas de qualidade, que se dá por meio parcerias internacionais. É interessante observar que os docentes pouco internacionalizados (PI's), embora não tenham registrada, em seu currículo, uma elevada quantidade de atividades voltadas à internacionalização, reconhecem a importância desse processo. Por exemplo, o entrevistado PI-01 entende a internacionalização como “fundamental”, o entrevistado PI-02 afirma que ela “permite acesso à informação de qualidade” e o entrevistado PI-05 a considera como “uma forma de qualificação”. Por meio dessas respostas, infere-se que o desconhecimento da importância da internacionalização não pode ser considerado um motivo de os docentes pouco internacionalizados (PI's) não apresentarem muitas atividades voltadas à internacionalização.

Os docentes muito internacionalizados (MI's) destacaram o caráter fundamental da internacionalização para o desenvolvimento da pesquisa, ciência e tecnologia, afirmando que não há ciência e tecnologia de ponta sem internacionalização. Por exemplo, o entrevistado MI-02 afirmou que não teria tido condições de finalizar o seu doutorado se não tivesse viajado ao exterior para desenvolvimento da pesquisa doutoral, devido à falta de equipamentos específicos no Brasil. Ademais, a internacionalização foi considerada, por esses docentes, como uma troca de conhecimentos que gera benefícios para a ciência, mas que também gera benefícios pessoais, como fortalecimento de vínculos de amizade.

Para isso, demanda internacionalização, você tem que, no mínimo, conhecer muito bem e, de preferência, fazer parcerias com locais que trabalham na sua linha, em área de trabalho e pesquisa, para que você consiga fazer trabalhos e orientar estudos no mesmo nível [...]. Então, assim, para mim, internacionalização significa ciência de

qualidade (ENTREVISTADO MI-01, 2020).

[...] por meio de dispositivos legais e institucionais, estabelecer a parceria e estar ampliando essa troca de alunos, materiais e projetos, buscar mais dinheiro fora e vice-versa (ENTREVISTADO MI-03, 2020).

4.3 Motivações para a internacionalização

As motivações e recompensas são fatores essenciais para que a internacionalização aconteça. Em seu estudo, Teichler (2004) concluiu que as motivações pessoais, tais como gostos e predileções, correspondem às motivações que mais promovem a internacionalização. Em contrapartida, Oliveira e Freitas (2016) concluíram, em sua pesquisa, que as motivações acadêmicas e profissionais pesam mais do que as motivações pessoais. Os resultados do presente estudo, especificamente para essa questão, tanto para docentes muito quanto pouco internacionalizados, indicam que as motivações acadêmicas e profissionais sobressaem-se frente às motivações de cunho pessoal, em conformidade com os achados de Oliveira e Freitas (2016).

A minha motivação é produzir ciência do melhor nível possível. [...] Então, se você não volta isso para um nível internacional, você não faz. [...] então, isso só foi possível porque eu tive internacionalização (ENTREVISTADO MI-01, 2020).

Outra questão é que, na hora de publicar, quando você tem uma parceria internacional, isso pesa muito. Com isso, a gente já pode falar de recompensa (ENTREVISTADO MI-05, 2020).

[...] ao sair, você realmente abre um leque de oportunidades e de ganhos profissionais na carreira e, com certeza, você volta muito mais preparado [...] então eu acho que traz, além de conhecimento, um progresso científico muito... [...] sem a internacionalização, é muito difícil a gente entender isso (ENTREVISTADO MI-03, 2020)

Motivação... eu acredito que seja ter um grau melhor de estudo, né?! Conhecer técnicas mais avançadas, conhecer outro idioma, ter uma vivência em uma universidade no exterior. [...] Quanto às recompensas, talvez fosse o título, né?! [...] acredito que é uma recompensa pessoal e profissional também. Você teria um diferencial (ENTREVISTADO PI-04, 2020).

Atualizar... ter as melhores fontes de atualização na área de atuação. Então, sem dúvida nenhuma, estar atualizado com o que está acontecendo, porque grande parte da informação de qualidade vem de fora do país (ENTREVISTADO PI-02, 2020).

Embora a maior parte dos docentes tenha apresentado motivações profissionais e acadêmicas, motivações pessoais também foram citadas. Os docentes MI-02, MI-04, PI-01, PI-03 e PI-05, por exemplo, relataram, como motivações, o conhecimento de novas culturas, a convivência com pessoas diferentes, a curiosidade em conhecer novos lugares, dentre outras motivações de cunho mais pessoal.

4.4 Barreiras à internacionalização de docentes

Assim como existem fatores que impulsionam a internacionalização (motivadores e recompensas), existem aqueles que a tornam mais difícil. Childress (2009) os nomeia de barreiras, que podem ser de nível individual ou institucional. No nível institucional, os docentes entrevistados no presente estudo, tanto muito quanto pouco internacionalizados, ressaltaram a burocracia interna da IES como uma barreira à internacionalização, conforme destacam os entrevistados MI-02 e PI-01:

[...] para eu conseguir sair e fazer um pós-doc., eu preciso de uma liberação da Diretoria. Então, eu preciso que a instituição permita e eu preciso, daí, ter professores substitutos que vão conseguir cumprir as aulas enquanto eu não estou. Agora, a partir do momento que você tem esse vínculo empregatício, aí existem outros trâmites burocráticos (ENTREVISTADO MI-02, 2020).

Principalmente, porque, para a gente sair, alguém tem que ficar no lugar, né?! Os encargos didáticos que alguém tem que assumir e, quando a gente está numa coordenação, alguém também tem que assumir os encargos administrativos também, não só os didáticos, mas os administrativos também. Então são os... são essas as dificuldades maiores (ENTREVISTADO PI-01, 2020).

Ainda no nível institucional, a falta de apoio financeiro foi mencionada como um fator que torna a internacionalização difícil para os docentes, como resalta o entrevistado MI-01. O docente MI-04 destaca que, mesmo quando existe subsídio financeiro para internacionalização com mobilidade física (*cross-border*), esse recurso é insuficiente, em virtude da diferença cambial e dos altos custos de manutenção no exterior.

Bem, a maior dificuldade atual, com certeza, é a limitação de recursos, né?! [...] Então, com certeza, hoje a quantidade de recursos para ciência, tecnologia, pesquisas e internacionalização, conseqüentemente, é a maior limitação que nós temos (ENTREVISTADO MI-01, 2020).

Então... a primeira questão é a falta de apoio financeiro. Nós temos, onde, coincidentemente, os países com maior desenvolvimento científico e tecnológico acabam tendo uma moeda mais forte, mais valorizada, né?! O professor ou o aluno, mesmo que recebam apoio financeiro, é insuficiente para sua manutenção nesses lugares, então essa é uma dificuldade (ENTREVISTADO MI-04, 2020).

Curiosamente, um docente pouco internacionalizado (PI-04) apresentou uma visão distinta dos demais entrevistados quanto ao quesito subsídio financeiro. O mesmo afirma que o fator financeiro é o obstáculo que menos pesa para os docentes, pois estes possuem uma estabilidade financeira, um salário fixo que os garante no processo de internacionalização. Para ele, a barreira principal à internacionalização de um docente é deixar as tarefas que o mesmo, usualmente, acompanha no país de origem para dedicar um período no exterior. Todavia, é importante destacar que o referido docente não apresenta registrada, em seu currículo, atividade voltada à internacionalização com mobilidade física (*cross-border*), o que permite inferir que sua opinião não se baseia em experiência própria.

No tocante às barreiras no nível individual, uma das citadas pelos entrevistados foi o próprio foco disciplinar dos docentes, que diz respeito à falta de interesse do docente quanto a assuntos voltados à internacionalização, por não conhecer, por exemplo, os benefícios desse processo. Quando um docente não possui foco na internacionalização, seu rendimento internacional, naturalmente, é afetado. Esse dificultador foi mencionado pelo docente MI-01:

Essa visão, [...] importância da internacionalização, de parcerias, poucas pessoas têm, elas não sabem o tanto que isso faz diferença na prática de criar ciência. A maioria que não teve essa vivência, não consegue enxergar a importância que essa internacionalização tem para o crescimento deles mesmos, né?! (ENTREVISTADO MI-01, 2020).

Outra barreira, relacionada à anterior, corresponde à priorização do corpo docente, situação em que o docente, simplesmente, não apresenta vontade de se internacionalizar, por priorizar outras áreas, como ensino, extensão ou gestão acadêmica. Muitas vezes, por questões de comodismo ou por alcançarem estabilidade na profissão e, ainda, por estarem envolvidos com outras linhas da educação que não sejam a pesquisa, muitos docentes encontram dificuldades para se internacionalizarem. O entrevistado MI-02 ressalta que, quando o docente realmente se interessa pela internacionalização e a prioriza, ele supera as dificuldades institucionais, como a burocracia interna para a internacionalização:

Acho que a maior dificuldade está em você saber o que você quer. [...] aí você define 'aonde?' [...] definido o 'aonde', aí busca qual é a burocracia da instituição à qual você está vinculado e cada instituição tem uma burocracia (ENTREVISTADO MI-02, 2020).

Quatro docentes citaram a falta de proficiência em língua estrangeira como uma barreira à internacionalização. Todavia, um dos docentes muito internacionalizados (MI-03) ressaltou que a língua é o menor dos obstáculos. Segundo ele, um nível básico em Inglês já é suficiente para que o docente se comunique bem e desenvolva seu trabalho no exterior. A perspectiva do referido docente se contrapõe a pesquisas recentes sobre a internacionalização, as quais têm apontado que a falta de proficiência em língua estrangeira é uma das principais barreiras à mobilidade acadêmica (ex.: ATHAYDE; BARBOSA, 2019).

Eu não acho que a língua seja barreira [...]. No caso de professores que buscam o seu estágio pós-doutoral, o que eu acho, hoje, é que a língua é a menor barreira de todas. Em muito pouco tempo, você, em um novo país, se você tiver uma base, você tem condições plenas de estar se comunicando bem e desenvolvendo o seu trabalho (ENTREVISTADO MI-03, 2020).

A questão familiar foi também uma das barreiras de nível individual, mencionada tanto por docentes muito quanto pouco internacionalizados:

Talvez a dificuldade mesmo, em ter que deixar família, em ter que ir para o exterior. Isso, quando se tem filhos, quando se tem alguém doente na família, então isso daí pesa, né?! Deixando para fazer isso em uma outra hora (ENTREVISTADO PI-04, 2020).

Ter esposa, família, filhos e, principalmente, com essa questão financeira que já falei, acabam dificultando, desmotivando a ida do professor a esses estudos no exterior (ENTREVISTADO MI-04, 2020).

4.5 Sugestões de melhoria na visão dos docentes

Inicialmente, ao serem questionados se a universidade à qual estão vinculados oferece suporte suficiente à internacionalização, apenas um docente pouco internacionalizado (PI-04) considerou que a universidade não oferece suporte suficiente, embora tenha reconhecido que há promoção de palestras e eventos internacionais. Já outro docente pouco internacionalizado (PI-01) afirmou que os subsídios financeiros que a universidade oferece são limitados por causas maiores. O

referido docente reconhece que a universidade se encontra limitada a fazer mais do que já faz, devido aos cortes orçamentários do governo federal e, com isso, os critérios de seleção em editais de internacionalização ficam cada vez mais rigorosos.

Posteriormente, quando convidados a sugerir ações que poderiam ser adotadas pela IES na qual estão inseridos para fortalecer a internacionalização, isto é, como melhorias a nível institucional poderiam facilitar a internacionalização a nível individual, os docentes citaram ações de mobilidade física facultativa (*at home*), em especial devido aos cortes orçamentários do governo federal. As sugestões nessa linha variaram desde a oferta de cursos de línguas estrangeiras, a promoção de eventos em que se apresentem novidades internacionais do meio científico, palestras por videoconferência, a otimização na divulgação de oportunidades de internacionalização, a promoção de encontros com representantes de instituições estrangeiras a fim de intensificar relações e parcerias, dentre outras. Esses pareceres demonstram um bom entendimento dos docentes quanto ao escopo de atividades da internacionalização, que não se restringem à mobilidade física.

[...] Quantas vezes a gente tem produtos internacionais fantásticos de impacto relevante que saem em jornal, e o pessoal, a própria instituição, vou nem falar da instituição, o próprio instituto não sabe, a maioria nem faz ideia. (ENTREVISTADO MI-01, 2020).

Então... eu acho que basta que, logo que essa situação financeira das universidades seja resolvida, que novos editais sejam publicados, que novos encontros entre nós docentes e estudantes da instituição com outros de outras instituições financeiras sejam promovidos, sejam realizados, para que a gente volte a intensificar nossas relações com instituições estrangeiras (ENTREVISTADO MI-04, 2020).

O parecer do docente PI-02, quando convidado a sugerir melhorias, foi de que todas as ações possíveis já são tomadas pela universidade, reconhecendo uma variedade de estímulos à internacionalização por parte da instituição. O docente PI-05, por sua vez, salienta que os incentivos institucionais à internacionalização são em vão se não houver a real proatividade e interesse do docente na busca para se internacionalizar.

A UFMG oferece, sim. Frequentemente, há cursos de idiomas para professores, acesso no MEC para fazer curso para professor de idiomas, não só o inglês, mas vários outros idiomas. Então, assim, sempre está oferecendo meios, nós temos o próprio TOEFL, que é oferecido pela UFMG e outros aliados. Então, nós temos, sim, oportunidades, a UFMG dá, sim, muitas oportunidades. O que mais ela pode fazer?! Eu não imagino o que mais ela pode fazer, porque tem que ter uma iniciativa daquele que deseja. [...] Acho

que é uma forma de buscar, aumentar esse contato, até na prática do idioma, e que abre portas, que podem ser possibilidades que talvez a gente devesse investir, ministrar disciplinas em idiomas estrangeiros (ENTREVISTADO PI-02, 2020).

É, ela apoia, sim, no sentido de qualificar, de ajudar na burocracia, de levantar a documentação, mas isso depende muito de o professor ir atrás, porque a instituição tem mecanismos de ajudar, mas ela tem que ser estimulada, o professor tem que questionar. Então, por exemplo, ela fornece toda documentação que você precisa para solicitação de bolsa-estudo, para afastamento, tem política de... um cronograma para você entrar com a documentação para poder sair, isso tem, mas ela tem que ser... a UFMG tem que ser acionada, né?! Se você não acionar, ela não vai chegar e falar: “Ó, eu estou com tudo pronto para você sair”. [...] Você que tem que procurar (ENTREVISTADO PI-05, 2020).

O entrevistado MI-05 reconhece que a internacionalização é entendida e aplicada de maneira não uniforme dentro da UFMG, destacando que não há incentivo à internacionalização no campus da UFMG em Montes Claros-MG (ICA) no mesmo nível em que há no campus principal em Belo Horizonte-MG. Isso pode acontecer devido às instituições serem constituídas por estruturas organizacionais com conteúdos diversos e por unidades acadêmicas que operam de forma independente, o que torna o desenvolvimento de um consenso sobre a internacionalização um grande desafio (CHILDRESS, 2009).

A gente que está orientando os programas de pós-graduação, a única oportunidade que eu vi divulgando, até agora, foi a questão do edital da CAPES em que a UFMG foi aprovada, que é o CAPES Print, mas, mesmo assim, isso não foi... depois da reunião em que a DRI veio aqui, não teve mais muita divulgação, conscientização. Eu acho que falta conscientizar os professores do corpo docente, da importância que é isso aí. E mais, divulgar as oportunidades e englobar o campus Montes Claros também. Eu acho que falta muito isso (ENTREVISTADO MI-05, 2020).

5 Considerações finais

Mesmo apresentando limitantes de uma pesquisa qualitativa, como o reduzido grau de reprodutibilidade, os resultados do presente estudo exploraram as percepções individuais de docentes quanto às barreiras ao processo de internacionalização de suas atividades no contexto em que estão inseridos. Dentre as sugestões de melhoria

para o fomento à internacionalização nas instituições de ensino superior, os docentes destacaram a melhoria de subsídios financeiros. Todavia, ficou evidente a compreensão dos docentes, tanto muito quanto pouco internacionalizados, acerca das dificuldades financeiras do país, o que reflete em cortes orçamentários na educação. Com isso em mente, os entrevistados sugeriram ações que possam ser tomadas pelas IES e que não necessariamente impliquem altos investimentos financeiros, como é necessário quando da mobilidade física ao exterior. As sugestões, nessa linha, variaram desde a oferta de cursos de línguas estrangeiras, a promoção de eventos em que se apresentem novidades internacionais do meio científico, palestras por videoconferência, a otimização na divulgação de oportunidades de internacionalização, a promoção de encontros com representantes de instituições estrangeiras a fim de intensificar relações e parcerias, dentre outras sugestões de atividades sem mobilidade física (*at home*).

Este estudo atingiu seus objetivos geral e específicos, além de, indiretamente, complementar e aprofundar estudos de maior robustez e abrangência, como o estudo desenvolvido por Romani-Dias et al. (2018), cujo objetivo principal foi investigar o papel dos docentes na internacionalização de instituições de ensino superior. Os resultados do presente estudo apontaram que o nível de entendimento acerca do processo de internacionalização não acompanha, necessariamente, o nível de atividades voltadas à internacionalização, haja vista que foram identificados docentes com baixo número de atividades internacionalizadas e com conhecimento mais aprofundado sobre a internacionalização, bem como docentes com alto nível de internacionalização, porém com entendimento mais superficial, compreendendo a internacionalização de forma restrita à mobilidade física obrigatória (*cross-border*).

Ademais, cumprindo o seu objetivo norteador, o presente artigo discutiu, detalhadamente, as principais barreiras à internacionalização segundo o ponto de vista de docentes entrevistados, que podem ser tomadas como *inputs* para que instituições de ensino superior desenvolvam práticas e políticas de internacionalização, visando mitigar os problemas salientados nesta pesquisa. Segundo Neves e Barbosa (2020), a internacionalização do sistema de ensino superior brasileiro ainda apresenta um caráter incipiente e baixa produtividade das IES no desenvolvimento de políticas internas.

Os obstáculos à internacionalização destacados pelos docentes entrevistados variaram desde dificultadores de nível institucional, como a excessiva burocracia interna da IES, a falta de subsídio financeiro e o fomento à internacionalização não uniforme entre os diversos *campi* e unidades acadêmicas da universidade, até dificultadores de nível individual, tais como a falta de interesse do docente em se internacionalizar, a priorização de outras atividades (ex.: ensino, extensão e gestão acadêmica), a falta de proficiência em língua estrangeira e questões familiares.

Embora os resultados deste artigo não possam ser estendidos a todas as instituições de ensino superior no Brasil, os seus resultados empíricos, fundamentados

na teoria concernente à temática, aprofundaram a reflexão acerca das barreiras à internacionalização de docentes, colaborando para o desenvolvimento de mais estudos sobre a temática no nível individual de análise. Como pesquisas futuras, sugere-se o desenvolvimento de estudos que comparem a realidade da internacionalização de IES federais e estaduais, a fim de refletir sobre suas particularidades, bem como investigar esse processo no âmbito de instituições educacionais privadas. Espera-se, portanto, que outras discussões possam ser derivadas dessa exposição.

Referências

- ALTBACH, P. G.; KNIGHT, J. The internationalization of higher education: motivations and realities. *Journal of Studies in International Education*, v. 11, n. 3-4, p. 290-305, 2007.
- ATHAYDE, A. L. M.; BARBOSA, T. R. da C. G. Avaliação de Programas Governamentais: Ciência sem Fronteiras em Foco. *Estudos em Avaliação Educacional*, v. 30, n. 73, 2019.
- ATHAYDE, A. L. M.; SANTOS, C. L. T.; DEMO, G.; COSTA, A. C. R. Gestão Internacional de Pessoas: Novas Possibilidades de Pesquisa. *Revista Pretexto*, v. 20, n. 2, p. 67-86, 2019.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CARNEIRO, J.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; CUERVO-CAZURRA, A.; GONZALEZ-PEREZ, M. A.; OLIVAS-LUJAN, M. R.; PARENTE, R.; XAVER, W. Doing Research and Publishing on Latin America. In: Newburry, W. & Gonzalez-Perez, M.A. (Eds.) *International Business in Latin America: Innovation, Geography and Internationalization*. Palgrave MacMillan, 2015. p. 11-46.
- CHILDRESS, L. K. Internationalization plans for higher education institutions. *Journal of Studies in International Education*, v. 13, n. 3, p. 289-309, 2009.
- CHINELATO, F. B.; ZIVIANI, F. Internacionalização dos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu em Administração no Brasil. *Revista do Mestrado em Administração e Desenvolvimento Empresarial*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 1-22, 2016.
- COATES, H.; DOBSON, I. R.; GOEDEGEBUURE, L.; MEEK, V. L. *The international dimension of teaching and learning*. Springer, Dordrecht, 2014.
- DEWEY, P.; DUFF, S. Reason before passion: faculty views on internationalization in higher education. *Higher Education*, v. 58, n. 4, p. 491-504, 2009.
- ELKIN, G.; DEVJEE, F.; FARNSWORTH, J. Visualizing the internationalization of universities. *International Journal of Education Management*, v. 19, n. 4, p. 318-329, 2005.
- FONSECA, G. C.; ATHAYDE, A. L. M.; DIAS, I. A.; SOUZA, J. V. O. E. Relato de experiência da disciplina 'Administração da Produção' ofertada exclusivamente em Inglês para graduandos da UFMG – Campus Montes Claros. *Revista Docência do Ensino Superior*, v. 8, n. 1, p. 108-124, 2018.
- GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. Ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2008.
- KAUARK, F. S.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. *Metodologia da Pesquisa: Um guia prático*. Itabuna-BA: Via Litterarum, 2010.
- KNIGHT, J. The internationalization of higher education scrutinized: international program and provider mobility. *Sociologias*, v. 22, n. 54, p. 176-199, 2020.
- KNIGHT, J. Internationalization remodeled: Definitions, approaches and rationales. *Journal of Studies in International Education*, v. 8, n. 1, p. 5-31, mar 2004.
- KNIGHT, J. Internationalization: Elements and checkpoints. *Canadian Bureau for International Education Research*, n. 7, p. 1-15, 1994.

KHOMYAKOV, M.; DWYER, T.; WELLER, W. Internationalization of higher education: excellence or network building? What do BRICS countries need most? *Sociologias*, v. 22, n. 54, p. 120-143, 2020.

MIURA, I. K. O Processo de Internacionalização da Universidade de São Paulo: Um estudo de três áreas do conhecimento, *Tese de livre docência*, FEA-USP, Ribeirão Preto, 2006.

NEVES, C. E. B.; BARBOSA, M. L. de O. Internationalization of higher education in Brazil: advances, obstacles, and challenges. *Sociologias*, v. 22, n. 54, p. 144-175, 2020.

OLIVEIRA, A. L.; FREITAS, M. E. Motivações para Mobilidade Acadêmica Internacional: A visão de alunos e professores universitários, *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 32, n. 3, p. 217-246, set. 2016.

PAIGE, M. Internationalization of higher education: Performance assessment and Indicators. *Nagoya Journal of Higher Education*, n. 5, p. 99-122, 2005.

RODRIGUES, S. B.; DUARTE, R. G.; CARRIERI, A. P. Indigenous or imported knowledge in Brazilian management studies: a quest for legitimacy? *Management an Organization Review*, v. 8, n. 1, p. 211-232, 2012.

ROMANI-DIAS, R.; CARNEIRO, B.; BARBOSA, A. dos S. Internationalization of higher education institutions: the underestimated role of faculty. *International Journal of Education Management*, v. 33, n. 1, p. 300-316, 2018.

ROSTAN, M.; CERAVOLO, F; METCALFE, A. S. The Internationalization of Research, in: *The Internationalization of the Academy*. Springer, Netherlands, pp. 119-143, 2014.

SOUZA, C. D. de; FILIPPO, D. de; CASADO, E. S. El papel de la internacionalización de la Educación Superior en la producción científica brasileña. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 28, n. 108, p. 784-810, 2020.

STROMQUIST, N. P. Internationalization as a response to globalization: radical shifts in university environments. *Higher Education*, v. 53, n.1, p. 81-105, 2007.

TEICHLER, U. The changing debate on internationalization of higher education. *Higher education*, v. 48, n.1, p. 5-26, 2004.

VAN DAMME, D. Quality issues in the internationalization of higher education. *Higher Education*, v. 41, n. 4, p. 415-441, 2001.